

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto De Artes - IARTE

LAYANNE AMARÃES MARTINS

CICATRIZES:
Marcas e histórias na pele

Trabalho de Conclusão de Curso

Uberlândia
2018

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA
Instituto De Artes - IARTE

LAYANNE AMARÃES MARTINS

CICATRIZES:
Marcas e histórias na pele

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Artes Universidade Federal de Uberlândia - IARTE para obtenção do título de Bacharel em Artes Visuais.

Orientador: Prof. Dr. Paulo Mattos Angerami

Uberlândia

BANCA EXAMINADORA

Prof. Karina Alves de Sousa

Prof. Márcia Franco

Orientador: Prof. Paulo Mattos Angerami

"Quando você tira a roupa

*Algo se revela
Você tem uma tatuagem
De cicatriz*

*Quando você tira a roupa
Algo se revela
Você deixa a personagem
E vira atriz"*

Nome Próprio – Porcas Borboletas

AGRADECIMENTOS

A todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho. As indicações de leituras maravilhosas e as discussões enriquecedoras. A banca que concordou em participar. Meu orientador. E especialmente meus amigos e família que sempre me deram apoio e acreditaram em mim.

RESUMO

AMARÃES MARTINS, Layanne. *Cicatrices: marcas e historias na pele*. 2018, 26p. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Artes Visuais) – IARTE – Instituto de Artes, Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia, 2018.

Resumo: O presente projeto busca analisar as questões relativas às marcas corporais mais especificamente as cicatrizes as quais as pessoas desejam esconder, através do uso da fotográfica e embasando-se teoricamente por artistas que exploram a mesma temática, pelos conceitos apresentados no teatro no que tange a caracterização dos personagens e também sua ligação com o inconsciente coletivo e acrescido de conceitos sociais em relação ao fato de encobrir-se com tatuagens.

Palavras-chave: Cicatriz, fotografia, tatuagem

ABSTRACT

Abstract: The following project seeks to analyze questions related to body marks, specifically scars people wish to hide, through use of photography and basing theoretically on artists who explore the said theme, through concepts presented on theatre regarding characterization of characters, and also its connection with the collective unconsciousness, and also added of social concepts regarding one covering themselves with tattoos.

Key-words: Scar, Photography, Tattoo

SUMÁRIO

Introdução	10
Metodologia	11
Capítulo 1: Contextualização do objeto presente	13
Capítulo 2: Arte corporal como artifício de encobrir-se	16
Capítulo 3: Cicatrizes e suas histórias.....	19
Conclusão	24
Referências bibliográficas	25

INTRODUÇÃO

Cicatriz que, no dicionário Aurélio

- 1 - Sinal de ferida ou de chaga curada.
- 2 - Vestígio que deixam na haste as folhas ou ramos articulados, quando caem.
- 3 - Lembrança dolorosa.
- 4 - Impressão (que um mal deixa no ânimo).
- 5 - Vestígio de estrago, destruição, etc.

Publicado em: 2016-09-24, revisado em: 2017-02-27

Abordarei esse tema considerando as pesquisas e trabalhos práticos feitos durante a graduação, sendo elas ligadas ao teatro, estética e as próprias Artes Visuais. Como exposto por Radptonl Adoftpf sobre o trabalho de Toulouse-Lautrec: “Ele escolhe temas notoriamente vulgares... não para mostrar-lhes a feiura, mas para descobri-lhes a beleza, a alegria, o frescor que outro qualquer não poderia perceber.” Eu também busco com a minha fotografia, uma foto de representar outro olhar das mesmas.

Pensando dessa forma, o objetivo de pesquisa do projeto poético seria ressaltar essas marcas corporais como parte da história de vida das pessoas que farão parte das fotografias utilizadas e expondo-o de maneira sensível, pois proponho amenizar este aspecto negativo.

Podendo dizer que o trabalho justifica-se por meio dessa tentativa de tornar as marcas corporais rejeitadas como objeto de reflexão, ressignificando para as pessoas a maneira como elas se observam.

Nesse ponto a citação do teatro como fonte bibliográfica se torna importante pois nos mostra o inconsciente coletivo e maneira estereotipada com a qual lidamos com a aparência das pessoas em nossa volta, sendo assim, uma questão da imagem como fonte de julgamento e não compreensão. Nesse ponto, vale salientar que cada vez mais fala-se sobre empatia e alteridade dentro das relações humanas, bem como de uma autoaceitação.

Pois é possível notar que apesar das tentativas para que isso aconteça a indústria publicitaria nos fornece variados produtos para apaga-las ou amenizá-las como, por exemplo, o comercial televisivo da pomada que promete suavizar cicatrizes da pele, *Cicatricure*, com o slogan “Sua história de vida sem marcas na sua pele”

Desta forma busco explorar a temática das cicatrizes, por meio do trabalho artístico utilizando dos recursos da fotografia para a produção de um trabalho final plástico e das histórias que estas marcam na vida das pessoas fotografadas.

METODOLOGIA

A metodologia de pesquisa em arte costuma ser bastante variada, pois cada artista pesquisador desenvolve sua pesquisa ao mesmo tempo em que produz seu objeto plástico. Segundo Jean Lancri temos “ela fica para sempre sem modelo, pois há para ela tantos modelos quanto pesquisadores. Este modelo de uma tese 100 modelos teria, portanto, de perdurar como tal (LANCRI, 2001, p.22)”.

Busquei por meio da fotografia de registro e por meio de uma conversa informal que começava com um pequeno questionário com terceiros a fim de identificar como estas se sentem em relação a essas marcas, sempre respeitando a vontade do entrevistado “o sensível deve ser constantemente balizado pelo racional, de forma que o trabalho não se perca na subjetividade, e o racional deve ser permeado constantemente pelo sensível de modo a não cerceara a obra com normas e condutas exteriores a ela” (REY, 2001, p.135).

Portanto, a metodologia que adotei possui como foco a sensibilidade das cicatrizes com o intuito de fazer uma composição poética em preto e branco.

Em geral se acredita que o que é capturado nesse ato está DIANTE Da câmera.

Mas isso não é verdade.

Tirar fotos é uma ação em duas direções:

para a frente

e para trás.

Sim, tirar fotos também "sai pela culatra"...

...

A câmera, portanto, é um olho capaz de olhar para frente e para trás ao mesmo tempo. Para a frente, ela de fato "tira uma foto", para trás, registra uma vaga sombra, uma espécie de raio X da mente do fotógrafo, ao olhar direto através do olho dele (ou dela) para o fundo de sua alma.

Sim, para a frente, a câmera vê seu objeto, para trás vê o desejo de captar esse objeto específico em primeiro lugar, mostrando assim simultaneamente AS COISAS e O DESEJO por elas. (WENDERS, 2001)

As fotos foram tiradas utilizando meu celular e para a elaboração delas, procurei pensar sobre o local onde a pessoa ficasse mais à vontade com relação à exposição corporal, sendo em sua maioria foi dentro de casa então eu deixava a critério desta se queria ser registrada posando ou em situação confortável como fumando um cigarro ou deitada utilizando o celular por exemplo.

Em algumas das imagens foram utilizados recursos de edição de imagem para os contrastes e recortes pois eu preferi focar mais nas cicatrizes e sua composição do que no corpo e rosto.

CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZAÇÃO DO OBJETO PRESENTE

Para trabalhar meu tema, fui a procura de referências textuais e dentre elas também encontro Sandra Martinez Rossi, doutora argentina em Belas Artes que publicou em seu livro *La Piel Como Superfície Simbolica*, textos que fundamentam minha pesquisa

En el conjunto de obras artísticas que hacen referencia a la piel como texto, como memoria y construcción de la identidad personal existe un número de propuestas en las cuales el cuerpo marcado compone la propia genealogía, es decir, los tá cotuajes, las marcas, las cicatrices y cualquier tipo de señal de nacimiento conforman los exclusivos signos de identificación y determinam outro tipo de estructura genética, erigida em la fotografia como autorretrato (ROSSI, p. 351, 2011)

Até aqui, tenho buscado em meus trabalhos, explorar o assunto, que se evidenciou mais em uma disciplina na qual eu tive que produzir um trabalho baseado no livro *O retrato de Dorian Grey* do autor Oscar Wild publicado em 1891 onde o protagonista ao ver um retrato seu pintado, deseja ser belo e formoso pra sempre como na obra, o que acontece com ele, no entanto, a pintura envelhece e carrega as marcas que no próprio não tem, fazendo que ele esconda o quadro que antes era exposto como adorno em sua casa, de acordo com esta narrativa eu utilizei de duas maçãs, sendo uma natural que fazia conexão com o protagonista da história e a outra eu costurei e grampeei (Fig 1) representando o retrato pintado, então a partir do momento em que as apresentei ao espectador, observei como as pessoas espantavam-se e até sentiam nojo da fruta que apresentava-se com costuras. Dentro destes critérios procuro os significados sociais, de representação e de possuir estas marcas e como cada um se relaciona com elas.



Fig. 1 – Registro da artista

O teatro é um dos locais em que apoio minha pesquisa, por causa da construção da aparência dos personagens que aborda a sua personalidade e história de vida ou a história da narrativa. Temos como exemplo o personagem do Carrasco da peça de nome homônima do dramaturgo Pär Lagerkvist a qual Mona Magalhães em seu texto A construção da identidade figurativa do personagem na peça teatral O Carrasco: um processo semiótico nos conta sobre este personagem e sua construção figurativa.

A construção da identidade figurativa do personagem Carrasco, interpretado pelo ator Marcus Pina, na encenação, segue o que foi determinado, no romance, por Lagerkvist: a presença do Carrasco é concentrada, imóvel, silenciosa, sólida e resistente. Desse modo, a materialização do personagem, seguindo o pensamento de Ubersfeld (2005, p. 75), torna-se a intersecção dos conjuntos semióticos, textuais e cênico. Stephane Brodt, criador das maquiagens do espetáculo, imprimiu sobre a testa do Carrasco uma cicatriz diagonal (Fig.1), grande e profunda, fabricando-lhe uma expressão brutal e selvagem, avermelhando os olhos em lágrimas de sangue e também lhes dando peso com as grossas sobrancelhas. As marcas do tempo que passou são expressas pelas rugas e pela longa barba. Tais características provocam um efeito de choque intenso... (THÉVENIN, 1999, p.101). (p. 3, 2010)

Podemos comparar a aparência deste personagem com a maneira como as pessoas se olham, observando o corpo e as marcas para que de certa forma construam um pré-julgamento sobre o outro. Neste caso, temos um homem com aspecto mau e duro com uma cicatriz facial que desta forma reforçaria estas características.

Esta forma de composição do personagem no teatro reforça o que foi construído em meu consciente ao ver revistas, livros, filmes, peças de teatro, comerciais de tv entre outros veículos e até mesmo pessoas que me cercam, a pensar desta maneira. Dessa forma podemos dizer que pessoas que possuem cicatrizes e tentam escondê-las inconscientemente querem também esconder negatividade ou vergonha relativa às mesmas, mesmo que, como no caso da cesárea por exemplo, não seja algo ruim que as fez possuí-las.

Pensando relativamente em outros tipos de cicatrizes também como, automutilação e/ou no rosto, podemos compreender de fato o motivo de tantas pessoas terem o desejo de escondê-las. Pesquisando, descobri que existem inúmeros sites e propagandas que disponibilizam métodos para a remoção ou disfarce delas como uma conotação negativa que adquiriram ao longo do tempo.

Um personagem ao que podemos observar uma mudança de caracterização é o monarca Ricardo III que ao ser representado pelo dramaturgo inglês William Shakespeare em

peça de nome homônimo foi descrito como defeituoso fisicamente e, portanto com uma personalidade má e causando vários infortúnios ao seu povo. Mas com o passar dos anos descobriu-se que essa visualidade a respeito desta figura histórica não era tão verídica, tendo a aparência do personagem modificando-se para uma forma mais suave sem muitas deformações e cicatrizes, e então observamos que no teatro “Naturalmente, a aparência física do personagem pode ser ou não, muito detalhada, em princípio, por uma necessidade interior da proposta do dramaturgo.” (PALLOTTINI p. 63, 1989), portanto, a observação seria que “Em primeiro lugar é bom que se note: o primeiro meio de apreensão que se tem o espectador, a sua primeira forma de atingir, essa criatura que é o personagem é a visual.”

Assim, a personagem pode evoluir em sua aparência durante a performance teatral e sua aparência modificar-se de acordo com o transcorrer da narrativa, caso que pode ser observado no personagem Celestina da peça La Celestina do dramaturgo Fernando de Rojas, dessa maneira observamos que esta tem um aspecto grotesco por sua profissão que seria ligada aos aspectos da feitiçaria e prostituição que teriam como ponto máximo preconceito e estereótipos da época. “O aspecto físico grotesco causado pela cicatriz no rosto reflete a deformação espiritual de Celestina” (AGUIAR, 2011)

CAPÍTULO 2:

ARTE CORPORAL COMO ARTIFÍCIO DE ENCOBRIR-SE

Existem diversos tipos de arte corporal dentre elas, temos as permanentes e as mais conhecidas e cultuadas são as tatuagens que, não se sabe ao certo quando surgiu, se tem uma estimativa de que seja entre 4000 a 2000 A.C, artes estas que consistem em gravação subcutânea na pele através de introdução de pigmentos com agulhas formando imagens e/ou letras.

Durante várias gerações a tatuagem tem acompanhado e modificado seu significado, que foi desde rituais tribais passando pelo marinheiros, chegando nas cadeias com símbolo marginalizado e atualmente como forma de expressão. Por muito tempo, foi um processo irreversível, porém, atualmente com o avanço tecnológico já é possível remover quase que por completo uma tatuagem, porém como o processo é bastante agressivo, pode acontecer de haver alteração na pele onde havia a arte.

Apesar de ter se popularizado bastante, a tatuagem ainda carrega um certo preconceito pois ela ainda está relacionada com aspectos negativos como rebeldia e displicencia, por isso ainda tem muito tabu a ser derrubado.

De la misma forma que el tatuaje en el ámbito artístico revela los mecanismos y las estrategias del sistema capitalista, la piel tatuada puede convertirse en un seguro de trascendencia. Los tatuajes simbolizan la vida de su portador, aunque la conservación y el coleccionismo de la piel humana en las sociedades occidentales continúan originando irreconheciables debates ético y religiosos. (ROSSI, p. 346, 2011)

Enquanto existem as tatuagens com a mera intenção de “enfeitar” o corpo, há quem as utilize na intenção de ocultar cicatrizes provocadas por acidentes ou marcas de nascença, fazendo com que enfeitem porém tendo como primeira intenção de encobrir.

Se ha dicho ya, en varias ocasiones, que la piel siempre oculta secretos, aquellos que habitan en la memoria corporal de cada persona, tatuajes que pueden recopilarse siguiendo los pasos de un coleccionista obsesivo, tesoro personales y voluntarios. Sin embargo, las marcas y cicatrices que transforman la piel en espejo involuntario del tiempo integran una coleccion bien distinta. (ROSSI, p. 358, 2011)

Pelo fato de ter curiosidade com o tema, pois durante algum tempo, eu tive algumas cicatrizes que incomodaram um pouco, uma scarificação que fiz com material cortante,

resultando uma cicatriz em forma de imagem na adolescência da qual reconheço que muitas pessoas têm pré-julgamento por não ter conhecimento sobre essa técnica, então costumam não entender muito bem, sendo assim, eu me senti desconfortável com os questionamentos, então eu resolvi fazer uma tatuagem por cima para esconder, assim como também resolvi fazer uma tatuagem pra cobrir outra cicatriz que era de acidente de moto e eu não gostava de lembrar o evento. Então eu sempre procuro ouvir das pessoas sobre suas cicatrizes, como uma forma de tentar conhecer a pessoa, sua história de vida, o que incomoda, se já foi passado por questionamentos e também como ela lida com isso.

Devido às minhas pesquisas sobre o tema, eu recebo pela *web*, muitas páginas sobre tatuadores que trabalham sobre as cicatrizes das pessoas com desenhos artísticos a fim de torná-las mais aceitáveis(criativas) (fig. 2) ou até mesmo totalmente coberta (fig. 3) para que as pessoas se sintam mais à vontade com o corpo e recebam menos olhares e/ou questionamentos de outrem. Técnica esta que é chamada de *cover-up* que consiste em um desenho feito pra cobrir tanto tatuagem antiga que a pessoa não gosta mais quanto para cicatrizes.



Fig. 2 – Exemplo de tatuagem com cobertura parcial



Fig. 3 – Exemplo de tatuagem com cobertura total

Pesquisando mais a fundo sobre modificações corporais para um trabalho de antropologia, busquei melhores referências sobre scarificação (fig. 4) que vem da palavra inglesa *scar* que significa cicatriz. Técnica essa, usada por culturas na África e também na América latina como uma espécie de ritual (figs.5 e 6).

A escarificação consiste em fazer-se cicatrizes com “estilo artístico”. A escarificação é uma modificação do corpo na qual são feitos diferentes desenhos sobre a pele com tecido cicatrizado. A diferença entre a cicatriz e uma tatuagem é que as cicatrizes são acidentais e as tatuagens previamente pensadas, mas no caso das escarificações, nada é acidental. Existem duas formas de escarificar-se: por cortes profundos ou na superfície da pele (*Cutting*) ou por queimaduras com fogo, frio ou algum agente químico (*Branding*).O tecido morto deixa feridas escuras que permitem ver os desenhos.



Fig. 4 – Antes depois scarificação cutting



Fig. 5 – Processo de escarificação iniciado, Homens Crocodilo Papua Nova Guiné



Fig. 6 – Rosto com scarificação cicatrizada

CAPÍTULO 3

CICATRIZES E SUAS HISTÓRIAS

Buscando referenciais de fotógrafos que abordam a mesma temática, obtive conhecimento de uma fotógrafa paulista de nome Alice Vasconcelos, que realizou uma exposição na estação metro de São Paulo na linha amarela onde exponha 18 fotografias com cicatrizes conjuntamente com um código QR que com o auxílio de um celular e de seu *scan* mostrava a história destas pessoas e suas marcas.

Outra artista que trabalha a mesma temática, sendo esta nigeriana Yagazie Emezie que abordou em um ensaio de mesma temática (figs. 7, 8 e 9) com o intuito de que estas aceitassem suas marcas e cicatrizes, sendo que a artista percebe uma resistência das pessoas retratadas em exibir estas marcas, pois as consideram não estéticas. No entanto, por meio de conversas com eles e mostrando a estes fotografias de outros indivíduos com cicatrizes teve como resultado um maior confiança dos modelos sobre esta questão.



Fig. 7 – Fotografia de Yagazie Emezie



Fig. 8 – Fotografia de Yagazie Emezie



Fig. 9 – Fotografia de Yagazie Emezie

Sendo assim, eu busquei fazer fotografias e ouvir as histórias de pessoas que inicialmente faziam parte do meu cotidiano, até me arriscar em falar com desconhecidos em bares, mas infelizmente não foram de todas as pessoas que consegui fotos e história juntos.

Comecei falando sobre meu trabalho e minhas pesquisas, assim o entrevistado ficava mais à vontade e então separei as perguntas desta forma

- 1- Você tem alguma cicatriz da qual você gostaria de falar sobre?
- 2- O que você sente em relação a ela, incomoda ou é indiferente?
- 3- Você percebe os olhares em volta, se sim, você se incomoda com isso?
- 4- Você faz ou pensa em fazer algo para disfarçar?
- 5- Você se incomodaria se eu fotografar?

Percebi, com as conversas uma certa curiosidade com o tema e também que os entrevistados acharam interessante abordar o assunto e falar sobre, pois muitas delas perceberam que podem ir além da aparência e contar suas histórias, fato que minha abordagem não foi apenas curiosidade e/ou olhar de reprovação, mas sim ir mais além. Principalmente quando falo que é minha pesquisa e mostro sobre artistas que trabalham com a temática. Desta forma consegui conduzir as conversas de forma descontraída.

Dentre os relatos, eu separei os que achei mais relevantes, pois em sua maioria foi sobre quedas e pequenos corte. Conversando com Dayane que me relatou que nunca havia se incomodado em usar biquíni mesmo sendo plus size, até o momento que fez uma cirurgia que

resultou em um grande corte abdominal o que a levou a processar o médico por danos morais e físicos e por se sentir envergonhada com a cicatriz, ela sente que isso a impede de agora mostrar o corpo, por esse motivo ela não se sentiu a vontade em ser fotografada mas concordou em expor sua história desde que sua identidade fosse preservada, assim eu fiz com ela e com todos os outros entrevistados.

Outro relato que instigou na pesquisa foi o relato de Patricia (fig. 10), que optava pela depilação, no entanto pela marca da cirurgia de cesariana decidiu manter os pêlos. Durante a sessão de fotos a filha dela que é uma criança não gostou de ver a mãe dela sendo fotografada daquela maneira pois ela considerou muita exposição por ser uma região muito íntima, então não prosseguimos com muitas fotos para que eu pudesse escolher a que ficasse melhor.

Ouvi de Kleiton (fig 11), que suas cicatrizes resultantes da cirurgia de hérnia inguinal feita ainda quando era um bebê e outra de apendicite na adolescência o incomodam muito então ele prefere cobrir com uma tatuagem. Ele concordou que eu fizesse apenas uma foto pois ele também estava inseguro esteticamente.

Sobre Gabriela (fig 12), que me relatou sobre sua automutilação que começou na adolescência como uma espécie de escape para sua ansiedade que resultou em várias cicatrizes por todo o corpo e que de forma recorrente ela se depara com olhares e perguntas curiosas, porém ela não se sente a vontade em falar sobre, apenas para pessoas mais próximas, no entanto não são todas que ela pensa em cobrir com tatuagens, apenas as que são maiores.

Felipe (fig13), que tem células cancerígenas genéticas o que incomoda bastante e faz com que ele tem momentos de recolhimento e agressividade pois vez ou outra aparece pontos em sua virilha que ele precisa se consultar com oncologista periodicamente e fazer tratamento que resultam em cicatrizes porém ele não se sente incomodado com elas e assentiu que fosse fotografado.

Em certo momento, num lugar onde eu estava apenas pra me divertir, notei um rapaz ao meu lado com cicatrizes no supercílio e resolvi questioná-lo falando sobre meu trabalho e ele ficou bem à vontade em falar sobre. Ele me relatou que foi mordido pelo próprio cachorro na infância e recentemente havia descoberto ser epilético devido a um desmaio que resultou em outra cicatriz próxima à anterior por ter batido a cabeça em uma quina. Segundo ele, estas não o incomoda em nada, mesmo sendo no rosto.

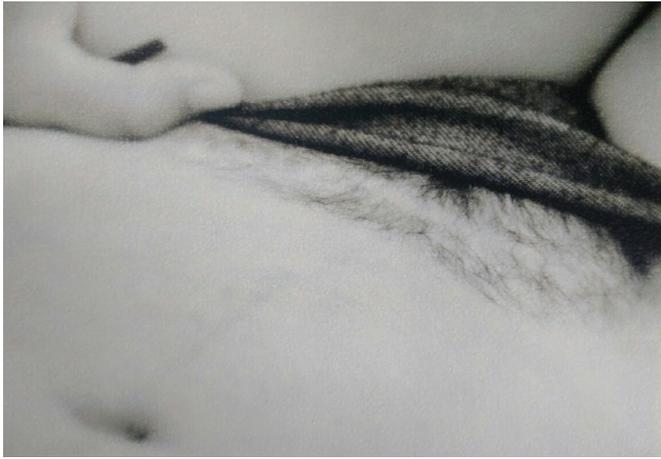


Fig. 10 – Fotografia experimental da artista



Fig. 11 – Fotografia experimental da artista



Fig. 12 – Fotografia experimental da artista



Fig. 13 – Fotografia experimental da artista

Durante minhas experimentações fotográficas, resolvi usar do auxílio de maquiagens para simular lesões e testar como poderia resultar, conforme mostra a figura 14.



Fig. 14 – Fotografia experimental da artista

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante a execução do trabalho tanto o questionário quanto o fotográfico que integra esta pesquisa percebi que realmente existe um incomodo em relação as cicatrizes ao mesmo tempo que falar sobre algumas delas seja libertador e também as vezes doloroso. Pude perceber, pelo entusiasmo com o meu tema que as pessoas falam pouco sobre o assunto porém não deixa de ser esquecido, o que faz com que continuem tentando esconder de alguma maneira.

Baseando-se nos dados coletados notei, que por mais que algumas cicatrizes guardassem momentos ruins que o portador gostaria de esquecer, o motivo maior de encobrir em sua maioria é o olhar do outro. Levando em consideração os veículos de comunicação como internet, propaganda de TV, *outdoors*, etc, reforça a ideia que a pele precisa ser perfeita com o mínimo de deformações possíveis para que seja bem vista e sem questionamentos fazendo com que as pessoas se sintam desconfortáveis e com necessidade de buscar alguma reparação.

Acredito que os entrevistados continuarão tentando alternativas, mas já questionar sobre o porquê dessa busca já é um grande passo para que as pessoas se tornem menos escravas e menos severas consigo mesmas e que alcancem a autoaceitação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Andrea A. D. *O discurso de Celestina: a construção e a desconstrução da personagem*. São Paulo: Edusp, 2011.

ALMEIDA, Jorge. Exposição “Cicatriz | Ação” no Metrô Paulista. <https://culturaefutebol.wordpress.com/2017/05/21/exposicao-cicatriz-acao-no-metro-paulista/>
Acesso em: julho de 2017.

BRITES, B., TESSLER, E. *O meio como ponto zero: metodologia em artes plásticas*. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2001.

DALMOLIM, Bruno. Escarificação: Os homens Crocodilos. Disponível em: <https://www.issobizarro.com/blog/mundo-bizarro/escarificacao-homens-crocodilos-da-papua-nova-guine-bonus-duplo/>. Acesso em Outubro de 2017.

HECKLER, Mateus. Tatuagem e mercado de trabalho: preconceito, hostilidade e a aceitação à prática da tatuagem.

Disponível em: <https://medium.com/@mateusheckler/tatuagem-e-o-mercado-de-trabalho-o-preconceito-por-causa-da-tattoo-ce0cf0ababae>. Acesso em Fevereiro de 2018

HYPENESS, Redação. Fotógrafa retrata as cicatrizes que a vida deu a essas pessoas como forma de ajudá-las a aceitar seus corpos. Disponível em: <http://www.hypeness.com.br/2017/04/fotografa-retrata-as-cicatrizes-que-a-vida-deu-a-essas-pessoas-como-forma-de-ajuda-las-a-aceitar-seus-corpos/>. Acesso em: julho de 2017.

MAGALHÕES, Mona. *A construção da identidade figurativa do personagem na peça teatral O Carrasco: um processo semiótico*. 2010. Disponível em: <http://www.portalabrace.org/vicongresso/processos/Mona%20Magalhaes%20-%20A%20constru%20E7%E3o%20da%20identidade%20figurativa%20do%20personagem%20na%20pe%20E7a%20teatral%20O%20Carrasco%20um%20processo%20semi%20F3tico.pdf>
Acesso em: julho de 2017.

OINTERNETICO. O que é escarificação. Disponível em:
<http://www.tintanapele.com/2013/03/escarificacao.html>. Acesso em: Outubro de 2017.

PALLOTTINI, Renata. *Dramaturgia: construção do personagem*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.

REDAÇÃO. Estas tatuagens transformam cicatrizes em obras de arte:
Como ressignificar as marcas da pele. Disponível em
<https://revistagalileu.globo.com/Sociedade/Comportamento/noticia/2017/05/estas-tatuagens-transformam-cicatrizes-em-obras-de-arte.html>. Acesso em Outubro de 2017

ROSSI, Sandra M. *La piel como superficie simbólica: Procesos de transculturación en el arte contemporáneo*. Madrid: S.L. FONDO DE CULTURA ECONOMICA DE ESPAÑA, 2011